



Da imaginação à realidade: reflexões sobre narrativas de viagem a partir da excursão de dois romancistas à Patagônia

Eduardo Ritter¹.

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Resumo: O escritor brasileiro Juremir Machado da Silva e o romancista francês Michel Houellebecq já colocaram diversas vezes seus personagens ficcionais em aviões, navios e carros para rodar o mundo atrás de diversão, trabalho, dinheiro, sexo, novas experiências e autoconhecimento. No entanto, em *Um escritor no fim do mundo*, Silva (2011) apresenta uma narrativa de viagem de memória em que acompanha o escritor francês à Patagônia argentina. O artigo mapeia como as reflexões apresentadas pelos dois pensadores no relato não ficcional podem contribuir para os estudos sobre as narrativas de viagem contemporâneas. Utilizando a *Análise de Conteúdo de Bardin* (2011) com o estilo textual proposto por Adorno (2003) foram mapeadas quatro categorias que prevalecem nos diálogos de Silva e Houellebecq: sexo, literatura, memória e imaginário.

Palavras-chave: narrativa de viagem; sexo; literatura; memória; imaginário.

1. Comprando o ticket de embarque

Para embarcar rumo à Patagônia no mesmo voo do escritor brasileiro Juremir Machado da Silva e do francês Michel Houellebecq é preciso compreender que, se por um lado, narrar é dar sentido à vida (Motta, 2013), por outro, viajar é colocar à prova esse sentido diante do desconhecido. Até as narrativas humanas contarem com um sistema

¹ Professor do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com bolsa PDSE/Capes na New York University (NYU). E-mail: rittergaucho@hotmail.com

de comunicação que inclui escrita, alfabeto, imprensa e meios digitais, e até o ser humano conseguir cruzar oceanos pelos ares, muita coisa aconteceu. Paraísos escondidos foram descobertos, colonizados, alugados e vendidos. No século XXI já não há mais praias paradisíacas virgens ou geleiras desconhecidas que possam ter os últimos mamutes vivendo escondidos tranquilamente. Cenários naturais e históricos anualmente são visitados aos milhões por turistas de todas as partes do globo.

Diante dessa perspectiva, o romancista Michel Houellebecq se tornou um contumaz crítico do turismo de massa globalizado. Em *Plataforma*, por exemplo, ele apresenta o drama de um casal francês que se conhece em uma excursão para a Tailândia. Trata-se de uma narrativa que implicitamente satiriza e ironiza a indústria do turismo que movimenta milhões de dólares todos os anos. Já o escritor Juremir Machado da Silva apresenta o turismo sul-americano como um contraponto às trilhas sagradas europeias. Ao invés de percorrer o caminho de Santiago da Compostela, o personagem principal do romance *Solo parte em uma saga em Macho Picchu*, no Peru, na busca do encontro consigo mesmo. Silva e Houellebecq são escritores contemporâneos de dois continentes diferentes que já escreveram ficções sobre a mesma temática: viagens e turismo.

Em 2007 o escritor francês contactou o autor brasileiro solicitando para que este o acompanhasse a uma expedição até a Patagônia argentina. “Aceitei imediatamente a ideia de uma excursão a Terra do Fogo com o escritor que mais radicalmente satirizara o turismo” (SILVA, 2011, p.13). Com o desafio aceito, ele embarcaram de Buenos Aires ao extremo sul do continente americano. É para essa viagem que o leitor está comprando o *ticket* de embarque, pois a partir dos diálogos e reflexões dos escritores apresentados na narrativa de viagem *Um escritor no fim do mundo* (SILVA, 2011) é que são sistematizadas algumas premissas sobre a temática para serem utilizadas por pesquisadores que se interessarem pelo tema.

Destarte, surgiu a seguinte questão: a partir da narrativa de viagem apresentada por Silva (2011), quais as reflexões/conceitos podem ser identificados e apresentados como ponto de partida para futuros estudos sobre esse tipo de narrativa? A resposta, bem como o texto que segue, tem como objetivo identificar pensamentos chaves apresentados no texto de Silva (2011) que possam contribuir para o campo em novas pes-

quisas sobre a temática, tendo em vista que os interlocutores que protagonizam a obra já escreveram narrativas de viagem ficcionais.

Feita essa apresentação, vale ressaltar que a viagem que o leitor está prestes a embarcar terá três paradas. Na primeira é explicado como se chegou às categorias selecionadas para que o viajante interaja com Silva e Houellebecq. Sexo, memórias, literatura e imaginário foram destacados a partir da releitura da obra tendo como perspectiva a análise de conteúdo de Bardin (2011). Posteriormente o leitor-viajante passa por uma breve retrospectiva teórica sobre as narrativas de viagem. Por fim, é chegada a hora de acompanhar e interpretar os diálogos dos dois escritores em solo patagônico, que vão desde turismo sexual até a importância (ou não) dos pinguins e lobos marinhos para a humanidade e o planeta.

2. Sexo, literatura, memória e imaginário: os protagonistas de Silva e Houellebecq

Na primeira parada o leitor-viajante dialoga com Bardin (2011) para entender como foram eleitas as categorias que protagonizam as conversas e reflexões de Silva e Houellebecq. A autora apresenta a análise de conteúdo como “um conjunto de instrumentos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2011, p.15). Esse é um método aberto, que está sempre se aperfeiçoando, conforme os objetivos do pesquisador. “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos”, podendo ser diversificados os procedimentos de análises.

Herscovitz (2008), por sua vez, explica que esse método pode ser empregado em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. “Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos, e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades [...]” (HERSCOVITZ, 2008, p.123). Como essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, optou-se pela seleção de características que possam ser identificadas no texto. “Na análise qualitativa é a ‘presença’ ou a ‘ausência’ de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (BARDIN, 2011, p.27).

Diante disso, surge a questão: como foram definidas as categorias para a análise da obra *Um escritor no fim do mundo*?

Ora, seguiram-se as três etapas apresentadas por Bardin (2011). Na primeira, é feita a pré-análise, que remete a uma fase de organização. Posteriormente é feita a exploração do material. Nesse caso, foi feita uma releitura atenta da obra analisada, bem como dos romances dos dois escritores que apresentam narrativas de viagem em primeiro plano. Por fim, é feito o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Para tanto, a inferência é um elemento chave. Não basta elencar categorias para serem apenas descritas, pois “a intenção da análise do conteúdo é a *inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferências esta que recorrem a indicadores (quantitativos ou não)*” [grifo do autor] (BARDIN, 2011, p.44).

Após seguir esses passos, chegou-se às quatro categorias que apontam os principais conteúdos dos diálogos entre Silva e Houellebecq durante a viagem à Patagônia. A primeira categoria é o sexo, que vai desde o levantamento de questões filosóficas sobre a temática até a observação sobre a criação e desenvolvimento do turismo sexual contemporâneo. A segunda é uma das que mais se repete ao longo da narrativa: a literatura. A terceira é a memória, que implica lembranças dos dois autores remetidas por situações vivenciadas durante a viagem. O imaginário é a última categoria. As questões inerentes ao imaginário surgiram justamente a partir de algumas inferências iniciais feitas durante a releitura da obra.

3. Da ficção a não ficção: o deslocamento de personagens pelo globo

O ser humano vive cercado de narrativas. “O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana [...]. Vivemos mediante narrações” (MOTTA, 2013, P.17). A própria existência de um indivíduo é uma narrativa. Diante dessa amplitude, encontram-se as narrativas de viagem, que podem ser de ficção ou não.

Fazendo uma recuperação histórica do gênero, Martinez (2016) lembra que desde as planícies africanas, há 2,4 bilhões de anos, o *homo* transita pelo globo. Desde as pinturas da arte rupestre, passando pela invenção da escrita pelos egípcios até a criação da imprensa, que possibilitou a impressão em série, o trânsito humano esteve contemplado nesses registros. Destarte, foi inevitável que a temática também ganhasse espaço

no jornalismo. “Com a consolidação do jornalismo no século XIX, muitos jornalistas-escritores publicam em livros-reportagens o excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens” (MARTINEZ, 2016, p.80). É o que fez, de certa forma, Silva (2011) em *Um escritor no fim do mundo*.

Juremir Machado da Silva nasceu em 1962 na cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Atuou como jornalista em veículos de comunicação como *Zero Hora* e *Correio do Povo* e como tradutor de obras literárias. Atualmente é colunista do jornal *Correio do Povo*, mantém um programa radiofônico na Rádio Guaíba e é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Também já publicou livros acadêmicos, coletâneas de crônicas e ensaios, biografias e romances. Duas dessas obras se destacam por conter narrativas de viagem: uma de ficção e outra de não ficção. A obra de não ficção é a já mencionada *Um escritor no fim do mundo*. A outra é um romance ficcional intitulado *Solo*. Nessa obra, o personagem parte para uma excursão rumo a Machu Picchu para tentar se reencontrar no mundo. “Estou, enfim, em Machu Picchu. Algo se bloqueia em mim. Fico grotescamente insensível. A minha impressão é absurda, hilariante mesmo” (SILVA, 2008, p.337). Assim como é característico em Houellebecq, Silva apresenta uma visão crítica à ideia de turismo, valendo-se da comicidade do personagem, que destoa dos demais viajantes que o acompanham:

Acreditam em múltiplas formas de saber e querem integrar, se compreendi bem, o místico a uma nova ecologia do conhecimento, capaz de superar o reducionismo da ciência moderna. Gosto da ideia. Pergunto se formam uma seita? Ficam putos comigo. Peço desculpas. Não tenho obrigação de saber, porra? O líder deles quer saber se sou positivista. Garanto-lhe que estou mais para negativista. Ele olha para um colega e na minha cara faz “Dã!” Fico puto com ele (SILVA, 2008, p.332).

É perceptível a influência de Houellebecq na obra de Silva. Não obstante, o escritor já traduziu duas obras de Houellebecq do francês para o português: *Extensões do domínio da luta* (1997) e *Partículas elementares* (1998). “Na verdade, eu introduzi a literatura dele no Brasil numa época em que as grandes editoras nacionais ainda não se interessavam por mais um francês misturando ensaio e ficção” (SILVA, 2011, P.11).

Houellebecq nasceu na Ilha da Reunião em 1958, filho de mãe argelina e pai francês. Conforme aponta Silva (2011), os pais não se interessaram muito por ele, que

acabou vivendo a primeira infância com os avós maternos, na Argélia. Aos seis anos retornou para a França para viver com a avó paterna. Durante a adolescência viveu em um internato e, já na fase adulta, teve passagens por clínicas psiquiátricas. Esses temas foram evitados pelo escritor francês durante a excursão à Patagônia, mas serviram como indicativos para justificar os prolongados silêncios e o ar triste que acompanhava o escritor francês na época da viagem.

[...] a mágoa com a mãe, Janine, e com o pai, René, que nunca o visitaram quando esteve internado em clínicas psiquiátricas e com os quais rompeu depois do sucesso de *Partículas elementares*. Dez anos sem ver o pai, dez anos sem ver a mãe, poucos comentários sobre a irmã... (SILVA, 2011, p.83-84).

Em 2010, três anos após a ida para a Patagônia, Houellebecq recebeu o mais prestigioso prêmio francês: o Goncourt. Mas foi em *Plataforma*, inicialmente publicada em 2001, que Houellebecq colocou a narrativa de viagem em primeiro plano. Nesse romance, o personagem Michel Renault é apresentado como um funcionário público decadente que vive a crise dos 40. Para fazer algo diferente, ele participa de uma excursão para a Tailândia, onde os passeios são feitos em grupos formados por turistas europeus. Logo que chega ao destino, antes de iniciar o roteiro programado, Michel vai até uma casa de prostituição local, que tornam a Tailândia um dos principais destinos mundiais de turismo sexual. “Sua xoxota bem ensaboadada se esfregava nas minhas panturrilhas como uma escovinha dura. Fiquei de pau duro quase imediatamente, para minha surpresa [...]” (HOUELLEBECQ, 2018, p.42). Mesmo sem interagir muito com os colegas de excursão, Michel acaba ficando com o contato de Valérie, funcionária da empresa de turismo. Após marcarem um encontro em Paris, Michel e Valérie vivem um relacionamento que inclui mais viagens, orgias e descobertas pessoais. O personagem ajuda a companheira a criar estratégias para atrair mais clientes para a empresa de turismo, sendo que a principal é fazer com que a rede de hotéis do grupo ofereça discretamente profissionais do sexo para os clientes em um ambiente propício para isso.

Nessa narrativa, vários elementos dialogam com as categorias identificadas no texto de Silva (2011). Esse é um dado que não surpreende, pois tanto na vida real quanto na imaginária a narrativa de viagem tem a mesma função:

Todo relato de viagem, portanto, traz consigo a indissociável função de narrar uma mudança ocorrida no seu relator. Seus autores assumem a posição de pesquisadores e de sujeitos do experimento, ao mesmo tempo em que registram e se modificam pelo evento (GÜERCIO; CRUZEIRO, 2019, p.45).

Assim como Houellebecq e Silva buscaram na viagem para a Patagônia algum tipo de mudança interior, personagens fictícios também deixam suas zonas de conforto em busca de descobertas e transformações. Dito isto, chegou o momento de levantar novo voo para o leitor-viajante desembarcar na Patagônia para participar dos diálogos sobre elementos importantes da narrativa de viagem abordados por Silva e Houellebecq.

4. Dialogando com Silva e Houellebecq na Patagônia argentina

Antes de desembarcar na Patagônia é válido o leitor-viajante saber como os escritores Silva e Houellebecq chegaram lá. Em 2007 o escritor francês contatou o autor brasileiro para que o acompanhasse na viagem que aconteceria no final daquele ano. Houellebecq estaria em Porto Alegre para participar do evento Fronteiras do Pensamento e pretendia estender a viagem até o extremo sul do continente. “Houellebecq pediu-me, então, para aproveitar a ocasião e organizar a sua ida à Argentina e, depois, ao Chile, onde uma admiradora sua, Loreto Villaroel, queria recebe-lo. Foi o que fiz [...]” (SILVA, 2011, p.13). Nos contatos mantidos com Silva, Houellebecq também justificou o seu desejo de ir para a Argentina: “Eu vendo mais livros na Argentina que em todos os outros países hispânicos juntos. Preciso ir ao fim do mundo. Faz três anos que tenho um carro e ando pouco de avião. Preciso me mexer” (SILVA, 2011, p.13).

Inicialmente os dois escritores se encontraram em Porto Alegre. No entanto, a viagem feita para a Argentina não foi feita em conjunto: Houellebecq foi antes para palestrar na Aliança Francesa daquele país. A viagem da dupla, que tinha ainda a presença de Márcia, esposa de Silva, começou em Buenos Aires de onde os dois partiram para Ushuaia. Na abertura de *Um escritor no fim do mundo*, o autor revela o principal objetivo dessa narrativa: “Fomos ao exterior. Viajamos para o interior de nós mesmos. É essa narrativa que pretendo fazer aqui: história de uma viagem ao interior de um homem” (SILVA, 2011, p.9).

Nos estudos sobre narrativas de viagem, mais especificamente as jornalísticas, é apontada a diferença dicotômica entre as expressões turista e viajante.

Nesse imaginário, o turismo pressuporia um roteiro programado e óbvio, com visitas aos tradicionais pontos turísticos, um mercado que se forma através desse tipo de viagem e experiências que são consideradas superficiais. O turista é tido, portanto, como raso e hedonista, sendo também um predador, que destrói as culturas locais, à medida que as transforma em mercadorias. Já o viajante é defendido como aquele que faz viagens imersivas, visando a estabelecer um real contato com o outro, deixando-se transformar por ele, através de relações não mediadas pelo consumo excessivo e de forma menos agressiva ou predatória” (TAI, 2019, p.408).

Ora, é importante ressaltar essa questão, pois ela está indicada no título do presente artigo: da imaginação à realidade. Ou seja, Silva e Houellebecq criaram personagens com o perfil de turistas típicos: que acompanham grupos de excursões. Nesse caso, os dois viveram na prática essa experiência circulando apenas ao lado de outros turistas e praticamente não tendo contato com nativos. Aliás, o objetivo da viagem para Silva era a viagem ao interior do escritor francês que ele mais admira. Chega-se, assim, às categorias indicadas anteriormente: sexo, literatura, memória e imaginário.

O sexo é um dos principais assuntos que aparecem ao longo da narrativa e ele dialoga com as outras categorias. Uma hipótese para isso é o fato de os dois autores abordarem esse objeto em seus romances. Em *Plataforma*, por exemplo, o turismo sexual é um dos pontos que se destacam no enredo. Aliás, essa é a dica que Michel Renault dá para o amigo Jean-Yves: “Faça um lugar onde os hóspedes possam trepar. É disso que eles sentem falta. Se não tiverem alguma aventura nas férias, vão embora insatisfeitos” (HOUELLEBECQ, 2018, p.182).

A categoria sexo também se relaciona com memória, imaginário e literatura, pois em alguns momentos são apresentadas lembranças ou feitas menções a cenas literárias que envolvam a temática. Também é válido recuperar a perspectiva de erotismo de Bataille (2004), que aponta três formas que podem ser pensadas como elementos narrativos da literatura: a que apela aos corpos, a que se apropria dos corações e a que relaciona com o sagrado. A partir desses três pontos, surge o conceito de transgressão, que converge com um dos elementos mais explorados tanto no romance, quanto no jornalismo: o conflito.

Não se trata de liberdade: em certo momento e bem nesse momento, isto é possível, tal é o sentido da transgressão. Desde que se cria um primeiro limite, pode-se deflagrar o impulso ilimitado à violência: as barreiras não são simplesmente abertas, pode ser até necessário, no momento da transgressão, afirmar a sua solidez. [...] Essa violência pode ser encontrada no jogo erótico, quando os sujeitos assumem o papel de sujeito que toma a iniciativa e daquele que se deixa cuidar (ou comandar) na relação, e o primeiro ainda assume o papel de transgressor, violador (BATAILLE, 2004, p.43).

Silva (2011) apresenta em diversos trechos da narrativa diálogos envolvendo sexo dentro de uma perspectiva que pode ser inferida como relações de poder em que o conflito está implícito, como quando ele tenta interpretar uma despedida do escritor diante da porta do quarto que ele dividia com a esposa:

- Será que ele queria dormir com a gente?
- Não sei. Que achas?
- A cama é pequena.
- Cretina.

Rimos. Transamos como se fôssemos personagens de Michel Houellebecq. Enfim, duas partículas elementares (SILVA, 2011, p.52).

Mesmo se o escritor francês quisesse praticar sexo a três com Silva e a esposa, ele teria que tomar a iniciativa, assumindo assim o papel de transgressor ou do gerador de conflito. São diversos os trechos que ilustram a importância da temática para a narrativa, conforme fica explícito no seguinte trecho: “O sexo entrou na conversa naturalmente. Era nosso eliminador de vácuo. Conseguíamos evitar silêncios maiores falando de literatura ou de sexo (SILVA, 2011, p.91). Mesmo nesse ponto da narrativa, ao ouvir Silva e Houellebecq teorizando sobre a atração que homens que vivem a crise dos 40 anos têm sobre mulheres de 20, Cláudia interrompe o diálogo, propondo outra situação de conflito: “Vocês são dois velhos tarados” (SILVA, 2011, p.92).

A segunda categoria é a literatura. Esse é o tema que mais aparece nos diálogos entre os escritores. O tema entra nas conversas durante refeições, em deslocamentos de ônibus, numa caminhada diante das geleiras da Patagônia ou sentados na recepção do hotel. A partir dessa categoria é possível pensar duas subcategorias. Na primeira é feita uma reflexão dos escritores sobre o ato de escrever, ou seja, aqui os escritores falam deles mesmos.

- Por que escrever, Michel?

A resposta veio, remoída, em três tempos, todos precedidos de sorrisos de comiseração.

- Para existir...

- Sei...

- Para ganhar dinheiro...

- Hum...

- Para ser famoso...

Um quarto tempo depois de um longo intervalo:

- Para contar histórias... (SILVA, 2011, p.51).

Essa subcategoria também ajuda Silva a cumprir o objetivo de fazer uma viagem interna à mente do escritor francês. A partir de diversos desses diálogos, Houellebecq apresenta ideias sobre novas narrativas literárias. “Uma ideia interessante é pegar textos clássicos e continuar, inventar novos desdobramentos [...] Pegar uma história de Balzac e explorar novas possibilidades a partir do ponto onde ele parou” (SILVA, 2011, p.67).

Já a outra subcategoria se refere aos diálogos entre os dois romancistas comentando obras literárias publicadas por terceiros. Nesse ponto os clássicos predominam, como no trecho a seguir:

Montaigne, Rousseau, considerados pelos franceses como clássicos universais da literatura, escreveram escavando no fundo de si mesmos. Qualquer autor francês que tenha vontade de fazer isso sente-se completamente legitimado, pois é algo visto como fazendo parte da grande literatura (SILVA, 2011, p.129).

As reflexões de Houellebecq sobre literatura em meio a uma viagem à Patagônia ganham importância, pois são feitas em um momento de relaxamento do autor, o que permite que ele apresente ideias e análises tanto sobre literatura que teriam outro aspecto se fossem feitas em um escritório em Paris. O distanciamento tanto geográfico quanto psicológico do cotidiano vivido pelo sujeito, se não facilita, pelo menos altera a sua forma de ver o mundo. A viagem, afinal, propicia a transformação do indivíduo. “Havíamos sonhado muito e conversado como se cada palavra dependesse do nosso entendimento de nós e do mundo” (SILVA, 2011, p.136), sintetizou Silva.

Chega-se a terceira categoria: memória. A própria obra de Silva pode se enquadrar como uma narrativa de viagens de memória, afinal, “um número significativo de relatos de viagem tem natureza biográfica” (MARTINEZ, 2016, p.97). Ou seja, o texto

de Silva (2011) aqui retratado é um texto autobiográfico em que o autor não só apresenta as memórias da viagem, mas também as lembranças pessoais dele e de Houellebecq. O relato dessas experiências em narrativas se tornam importantes para registrar o caráter único de cada viagem, afinal, “nenhuma experiência é passível de repetir-se” (CALVINO, 1999, p.160).

À vista disso, a viagem para um destino, mesmo que desconhecido, pode despertar lembranças pessoais de outros tempos no viajante, pois alguns elementos trazem à memória do sujeito unidades cognitivas que despertam imagens e sentimentos experimentados em vivências passadas. Silva, por exemplo, relata sensações estimuladas pela paisagem das montanhas patagônicas. “As montanhas cobertas de neve ao fundo de Ushuaia provocavam em mim, ao menos, uma estranha sensação de aconchego, uma mistura de cheiro de chocolate quente e de fogo crepitando nas lareiras dos bons hotéis” (SILVA, 2011, p.71). O clima, o frio, as roupas de inverno trouxeram à memória do autor momentos da infância vivida no interior do Rio Grande do Sul.

Essa categoria também indica um ponto delicado nos diálogos entre Silva e Houellebecq. Tudo por conta da ausência de biografias ou de textos autobiográficos que tenham como temática o passado do autor francês. Assim, cada lembrança revelada por ele ganha destaque na narrativa. Isso fica claro quando Houellebecq rebate a hipótese de que teve uma infância traumática e triste, mencionada por alguns críticos baseados nos personagens criados pelo autor. “Fui uma criança bastante alegre, como a maioria das crianças, depois comecei a perceber os problemas. À medida que a vida passa a gente vai ficando mais triste. É assim com todo mundo [...]” (SILVA, 2011, p.126).

A última categoria é o imaginário, que raramente é tema da conversa, mas sim, permeia boa parte da narrativa. Para tanto, considera-se imaginário “um excedente de significação que o *sapiens* atribui aos fatos transcorridos na concretude do mundo, em decorrência de processos cognitivos e emocionais que se estabelecem no aparelho psíquico” (DÜREN, 2019, p.261). O imaginário também é formado por uma carga de sentidos psíquicos que envolvem três elementos principais: o racional, o inconsciente e o emotivo. Tudo isso faz com que a própria definição de imaginário se assemelhe em diversos aspectos com elementos esperados em uma viagem. “Há um caráter de aventura inesperada nessa distorção da percepção que inventa mundos, produz lendas, alimenta

mitos e impõe verdades tão especiais e únicas quanto as visões de um narrador” (SILVA, 2017, p.14).

O imaginário está presente em todas as narrativas de viagem, pois ele é despertado no leitor a partir de suas perspectivas de sonhos e de rompimento de suas limitações geográficas. Além disso, esse tipo de narrativa faz com que o leitor possa “sentir-se onipresente, conhecer o mundo e ao mesmo tempo interagir com seus elementos socio-culturais que caracterizam essa prática. Assim, o viajante pode comportar-se de uma maneira leve, fantasiosa, expansiva” (RITTER, 2019, 2010). A convergência entre imaginário e viagem é inevitável. “Uma estrada é um imaginário” (SILVA, 2011, p.61).

Na própria narrativa de Silva ele desenvolve reflexões sobre essa questão, apresentando, inclusive, uma das principais premissas do conceito: “O real é sempre imaginário” (SILVA, 2011, p.109). O autor destaca no mesmo texto que uma viagem é sempre um mergulho ao desconhecido e mesmo quando há apenas acontecimentos cotidianos, isso “implica estranhamento, choques culturais, livrar-se, ou não, de verdades caeiras, relativismo, etnocentrismo e muitas descobertas que podem marcar profundamente sem deixar rastros externos” (SILVA, 2011, p.9).

Dentro dessa categoria o imaginário francês em torno da Patagônia ganha destaque, pois na França há um forte desejo de atravessar o Atlântico para conhecer o nomeado “Fim do mundo”. Houellebecq explica os motivos dessa criação turístico-imagética:

Quase todo francês que gosta de viajar sonha com a Patagônia – disse, bebendo um gole de cerveja. – Faz parte do nosso imaginário, dos nossos mitos, das nossas fábulas modernas, enfim. [...] Para um francês, estar na Patagônia dá a impressão de estar mesmo no fim do mundo. É tão melancólico como sensação, essa impressão de que não se poderá ir mais longe da França que a Patagônia, mas isso se cristalizou no imaginário coletivo francês, a Patagônia como um destino distante e estranho (SILVA, 2011, p.29-30).

Essa revelação fez com que Silva refletisse sobre o que motivou o escritor viajar para tão longe. Na verdade era o sonho de ir a um fim de mundo geográfico, ou a última porção de gelo antes disso. “Nunca a geografia pareceu tão sentimental, até mesmo patética. Era como entrar num cartão-postal sem a neutralidade dos cartões-postais” (SILVA, 2011, p.42).

Há muitos momentos ao longo da obra em que é possível perceber a presença do imaginário, seja nos diálogos que abordam o tema, seja em reflexões que apelam para o imaginário do autor, dos escritores envolvidos na cena e do próprio leitor. Em determinado momento, Silva e Houellebecq passam a discutir qual dos animais serviria de melhor exemplo para a humanidade: os pinguins ou os lobos marinhos? Houellebecq critica a segunda espécie. “Tenho certeza de que eles não pensam em coisa alguma e ficam soltando puns o tempo inteiro. Não dão um bom exemplo para turistas necessitados de modelos a seguir” (SILVA, 2011, p.75). Já a opinião dele sobre os pinguins é bem diferente, apesar de encontrar resistência de seu interlocutor.

- Eles são simpáticos, elegantes e frágeis. Os pinguins têm a minha aprovação.
- Parecem meio idiotas.
- Ah, não, Juremir, tu não podes dizer isso [...]. Os pinguins passam certo otimismo. São um bom parâmetro para a humanidade (SILVA, 2011, p.76).

Esse foi um tema apresentado diversas vezes ao longo da narrativa e ilustra que a simplicidade dos diálogos pode revelar muito do clima descontraído que foi estabelecido entre o escritor francês e o brasileiro. Também, claro, há a reflexão crítica sobre a condição de turistas tradicionais que eles estavam vivenciando.

Ali estávamos, repito, com o escritor que mais havia satirizado o turismo nas últimas décadas, especialmente em Plataforma [...] Mesmo assim, sem qualquer complexo, corremos para nos fazer fotografar juntos uma placa com uma autêntica inscrição simulada: Estação do Fim do Mundo (SILVA, 2011, p.60)

É a contradição de mãos dadas com a autocrítica. Em outros momentos são feitas elucubrações a respeito do imaginário criado em torno do destino que os escritores estão visitando, como no trecho a seguir: “A propaganda argentina parece mais eficaz, com Ushuaia dominando o imaginário ocidental, embora fiquem no Chile o mítico Cap Horn e esse extremo Porto Williams” (SILVA, 2011, p.74). Por fim, o imaginário que ocupa a mente do autor em determinado momento da viagem é exposto mais explicitamente para que o leitor da narrativa crie o seu próprio imaginário.

Eu via o nada, sentia o nada, experimentava o vazio, ouvia o vento, contemplava os horizontes sem fim, entre o azul, o marrom e o cinza, ou tentava acompanhar os recortes da silhueta nevada da montanha implacável e soberana. Eu me sentia estranho. Sentia meu rosto se entortar como se fosse uma figura cubista. [...] Por um momento Cláudia e Michel me pareceram tão esquisitos quanto os turistas que lotavam o carro e tagarelavam em várias línguas (SILVA, 2011, p.150).

Esse distanciamento psíquico e emocional pode ser interpretado como o reencontro do viajante consigo mesmo, exatamente como aconteceu com os personagens na ficção dos dois autores. Tem-se, então, o encontro de ficção e realidade. Com essa reflexão o leitor-viajante se despede dos dois escritores, estando pronto para retornar ao ponto de partida com os pensamentos de Silva e Houellebecq despertos.

5. O desembarque

Chegou a hora do leitor-viajante retornar para casa. No desembarque no aeroporto mais próximo de seu lar, vale a pena refletir sobre algumas ponderações. Primeiro, ressalta-se que foram elencadas categorias que podem auxiliar futuros estudos sobre narrativas de viagem ou conversas entre leitores-viajantes mundo afora. Acompanhando os diálogos e reflexões dos dois escritores com outros autores, foi possível perceber uma forte presença dos temas sexo, literatura, memória e imaginário, sendo que o último foi tanto objeto de conversas quanto permeou os três primeiros.

É importante o leitor-viajante voltar para o seu local de origem tendo em mente que essa viagem pontual com Houellebecq e Silva para um destino específico faz parte de uma série de viagens feitas pelas complexas terras das narrativas de viagem de ficção e não ficção. Nesse texto o leitor pode acompanhar prioritariamente uma narrativa de viagem de memória onde Silva (2011) contou sobre uma excursão feita à Patagônia acompanhado da esposa Márcia e do escritor Michel Houellebecq. Foi possível perceber alguns pontos dialógicos entre a experiência vivenciada por ambos e as obras de ficção da qual foram autores e que igualmente tiveram como temática as narrativas de viagem, especialmente em *Solo*, de Juremir Machado da Silva, e em *Plataforma*, de Michel Houellebecq. Tanto na narrativa de viagem de Silva quanto nos romances os temas aqui analisados também podem ser identificados. Sexo, literatura, memória e imaginário estão fortemente presentes nas mencionadas narrativas ficcionais de Silva e Houellebecq.

Por isso se entende que em Um escritor no fim do mundo há o encontro entre os escritores reais e seus personagens imaginários. É como o encontro entre criador e criatura durante um jantar em um restaurante panorâmico de frente para as geleiras da Patagônia.

Por fim, tratando-se de dois escritores polemistas, um francês e outro brasileiro, a contradição crítica acaba se tornando uma técnica narrativa interessante utilizada por Juremir Machado da Silva. “Eu amo as viagens e as memórias fugitivas. Mas odeio os viajantes e seus relatos. Especialmente quando eles são tristes e longos. Não sou o primeiro a pensar assim. Nem o último a cair em contradição” (SILVA, 2011, p.7). Coerência e contradição, realidade e imaginário, ficção e não ficção, presente e memória, sexo e religião. Elementos que socialmente parecem tão antagônicos, mas que nas narrativas literárias frequentemente estão muito próximos. A obra de Silva e Houellebecq demonstram isso.

Referências

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.
- CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DÜREN, Ricardo Luís. **A mediação e a reconfiguração narrativa do imaginário**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). Narrativas midiáticas contemporâneas – Sujeitos, corpos e lugares. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019.
- GÜÉRCIO, Nayara Helou Chubaci; CRUZEIRO, Victor Lemes. **Estradas perdidas: relatos de viagens e identidades distópicas**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PASSOS, Mateus Yuri (Orgs.). Narrativas de Viagem. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008. p.123-142.
- HOUELLEBECQ, Michel. **Partículas elementares**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- HOUELLEBECQ, Michel. **Plataforma**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário** – Tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo literário de viagem internacional: um panorama do cenário autoral brasileiro**. Revista Animus, Santa Maria, v.18, n.36, 203-219, jul. 2019.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento** – O que é imaginário? Porto Alegre, Sulina, 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **Solo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Juremir Machado da. **Um escritor no fim do mundo** (viagem com Michel Houellebecq à Patagônia). Rio de Janeiro: Record, 2011.

TAI, Lian. **Narrativa de viagem como construção e gerenciamento do self**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PASSOS, Mateus Yuri (Orgs.). Narrativas de Viagem. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019.